

AS SETE IRMÃS DA SAÚDE (SIS): CONTROLE ACIONÁRIO EM REDE E OLIGOPOLIZAÇÃO NO BRASIL

Dr. Eduardo Magalhães Rodrigues – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9239170655494981>

Dr. Ladislau Dowbor - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8932283826603150>

RESUMO

Fazendo uso da metodologia da Análise de Redes Sociais e, especificamente, dos algoritmos de centralidade de intermediação e do grau de saída ponderado, esta pesquisa estuda as conexões acionárias em rede das 200 principais corporações atuantes no território brasileiro. Representando 63,5% do PIB, chegou-se à conclusão de que, entre outros setores, um dos que possui maior poder na economia é o da Saúde Privada. Nesse campo, foram identificadas 7 corporações, denominadas, Sete Irmãs da Saúde Privada (SIS). Estas exercem não só o oligopólio do mercado de saúde, mas também participam do oligopólio total que exerce controle econômico hegemônico no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

As Setes Irmãs da Saúde Privada – Oligopólio total – Análise de Redes Sociais – Controle Acionário em Rede – Saúde Privada – Saúde Pública (SUS) – Oligopólio na saúde privada

SUMÁRIO

Introdução	02
A rede de controle corporativo global e no território brasileiro	03
Metodologia	04
O oligopólio das Setes Irmãs da Saúde Privada (SIS)	08
O <i>petit comité</i> da saúde privada e da economia nacional	09
Considerações finais	13
Referência bibliográfica	14

INTRODUÇÃO

Não é nada pessoal, são apenas negócios. Essa frase contribui para sintetizar a ideia central deste artigo: uma análise da estrutura e da dinâmica, sob o ponto de vista do controle acionário em rede, dos principais grupos de saúde privada que atuam em território brasileiro. A dimensão e a capacidade estratégica desse setor, na economia, são resultados de um comportamento empresarial onde os negócios em si, e os interesses específicos de seus proprietários, são o ponto central. Eufemisticamente chamados de “saúde suplementar” transformaram-se justamente no inverso, isto é, a saúde privada converteu-se em campo hegemônico no país. Como veremos, a razão e os valores se invertem e a Saúde Pública, com toda sua essência Coletiva, passa a ser suplementar: o Sistema Único de Saúde (SUS) aprofunda sua queda na disputa da política de saúde no país, perde principalmente, como sempre, a maioria, o povo que depende do atendimento público para se manter vivo¹. Por outro lado, corporações da saúde privada acumulam lucros² e seguem operando fusões colossais que resultam em poder e concentração ainda maiores³. Nesse cenário, prevalece o oligopólio de somente sete *holdings* que domina não só a saúde privada no Brasil, mas também compõe reduzidíssima e poderosa classe na liderança e comando decisivo da economia brasileira. E, como citado, os movimentos do setor nos últimos anos são preocupantes no sentido de aprofundarem a oligopolização. No momento da finalização da redação do presente artigo, a Amil propôs à Dasa fusão de hospitais⁴, o que fez com que as ações dessa última disparassem 13,69%⁵. Outras operações, também em data próxima à exposta anteriormente, que envolvem a Oncoclínicas, Banco Master, Alliança, Amil, Dasa, Rede D’Or⁶ e Bradesco, confirmam a

¹ Para uma análise sobre a incompatibilidade entre saúde privada e acesso aos serviços de saúde pela população, ver [A quem interessa que a Saúde seja luxo? - Outras Palavras](#).

² No ano de 2023, os planos de saúde tiveram lucro de quase 3 bilhões de reais (R\$ 2,985) para uma receita superior a R\$ 319 bilhões. Link: [Operadoras de planos de saúde têm lucro de R\\$ 3 bilhões em 2023 | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](#). No mesmo ano, a Saúde Pública teve orçamento federal de R\$ 149,9 bilhões.

³ Sobre fusões do setor da saúde nos últimos anos: [Fusões e Aquisições no Setor de Saúde - Bi2 Partners e Concentração de capital e os limites da saúde privada - Outras Palavras](#).

⁴ Notícia publicada em 23/05/2024 pelo jornal Valor Econômico: [Exclusivo: Amil propõe à Dasa fusão de hospitais, segundo fontes | Empresas | Valor Econômico \(globo.com\)](#).

⁵ Notícia publicada em 23/05/2024 pelo jornal Valor Econômico: [Ações da Dasa disparam 13,69%, com notícia sobre possível fusão com hospitais da Amil | Empresas | Valor Econômico \(globo.com\)](#).

⁶ Notícia publicada em 08/05/2024 pelo jornal Valor Econômico: [Bradesco Seguros e Rede D’Or se unem para criação de nova empresa de hospitais | Empresas | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

tendência de concentração ainda maior⁷⁸. O problema é que não se trata da produção de perfumes, mas sim de um serviço essencial. Da mesma forma que não vemos efetivas políticas nacionais e globais para evitar o apocalipse climático que se aproxima, a Saúde Coletiva é tratada como passatempo de programa dominical de auditório.

A REDE DE CONTROLE CORPORATIVO GLOBAL E NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Em 2011, o instituto de pesquisa suíço ETH, publicou o estudo “*A rede de controle corporativo mundial*”⁹ analisando quanto poder de controle cada corporação exerce sobre outras corporações, por meio de aquisições de ações e de tomadas cruzadas de participação. O resultado é que surgiu a cadeia de controle de cada corporação, dentro de uma rede interativa. E os números impressionaram muito: 737 corporações apenas, no nível mundial, controlam 80% do mundo corporativo¹⁰, e 147, o “núcleo duro” do poder, controla 40%¹¹, com destaque para o setor financeiro^{12,13}.

No Brasil, uma das surpresas foi a descoberta de que o setor mais poderoso, sempre considerando sob o ponto de vista do controle acionário em rede, é o de energia elétrica, sendo a principal empresa a Eletrobrás, agora controlada pelo trio LST (Lemann, Sicupira e Telles). Outra surpresa foi constatar que o setor de intermediação financeira, os bancos, não estão em primeiro lugar, mas sim em segundo, o que é não uma posição desprezível. E continuando na sequência de surpresas, verificamos que o setor de Saúde Privada esta

⁷ Notícia publicada em 23/05/2024 pelo jornal Valor Econômico: [Análise: Três grandes transações em 15 dias e mudanças à vista no setor hospitalar | Empresas | Valor Econômico \(globo.com\)](#).

⁸ Outra fusão, de grande porte, ocorreu no ano de 2021 entre Hapvida e NotreDame Intermédica. Notícia publicada em 01/03/2021 pelo jornal Valor Econômico: [Hapvida e Intermédica acertam fusão e criam grupo de R\\$ 110,5 bi | Empresas | Valor Econômico \(globo.com\)](#).

⁹ Vitalli (2011). Para acessar o artigo original: [The Network of Global Corporate Control | PLOS ONE](#). Para acessar o detalhamento metodológico, [link: suppl.dvi \(storage.googleapis.com\)](#).

¹⁰ Em estudo de pós-doutorado, no Departamento de Economia Política da PUC/SP, Eduardo Magalhães Rodrigues, supervisionado por Ladislau Dowbor, fazem estudo semelhante sobre o território brasileiro. A leitura desse artigo é muito importante para a melhor compreensão do presente texto. Link para acesso à publicação: [Vista do Quem está no comando? Poder entre grupos econômicos hegemônicos no Brasil \(pucsp.br\)](#).

¹¹ Para uma apresentação sumária da pesquisa, ver L. Dowbor, A rede de poder corporativo mundial, 2012, <https://dowbor.org/2012/02/a-rede-do-poder-corporativo-mundial-7.html>

¹² Essas transformações são apresentadas de maneira sistemática em L. Dowbor, *O Capitalismo se Desloca: novas arquiteturas sociais* 2020, <https://dowbor.org/2020/05/debate-livro-novo-o-capitalismo-se-desloca-novas-arquiteturas-sociais-ladislau-dowbor-e-antonio-martins-edicoes-sesc-26-05-16h.html>

¹³ Apresentamos essa análise em detalhe no livro *A Era do Capital Improdutivo*, 2017 - <https://dowbor.org/2017/11/2017-06-1-dowbor-a-era-do-capital-improdutivo-outras-palavras-autonomia-literaria-sao-paulo-2017-316-p-html.html>

entre os primeiros mais poderosos na economia corporativa brasileira que representa, esta, 63,5% do PIB. São 200 *holdings* que significam apenas 0,03% dos CNPJs ativos. E, nessa elite das 200 corporações há, dentro dela, grupos ainda mais elitizados. O primeiro nível de concentração dessa rede de 6.235 empresas (que compõem as 200 *holdings*) é constatada quando vemos que apenas 20% delas (1.247 empresas) controla 80% (5.820) de todas as conexões acionárias da rede (7.257). E a concentração continua. 1% (um por cento: 62 corporações ou *holdings*) das 6.235 empresas, dos 200 grupos, controla quase ¼ (21,7%) de toda a rede, de todas as 7.257 conexões acionárias. O presente artigo, sob essa lógica, busca entender a importância e o papel da saúde privada¹⁴.

METODOLOGIA

Os dados são de natureza quantitativa e foram coletados do anuário “Grandes Grupos – 200 maiores” elaborado e publicado pelo jornal Valor Econômico do Grupo Globo (Valor Econômico, 2020). O tratamento inicial dos dados foi dispô-los em duas diferentes planilhas do tipo *Excel*. A primeira delas associou um número diferente, em ordem cardinal crescente, para cada uma das 6.235 unidades empresariais (*holdings* e respectivas empresas associadas, incluindo fundos), sendo que a segunda planilha contém, a partir da relação dos números que identificam as unidades empresariais, cada um dos 7.257 vínculos acionários. Em seguida, ambas planilhas foram importadas pelo *software Gephi*¹⁵ para que então assim fossem produzidos tanto os grafos quanto as estatísticas relacionais. A Análise de Redes Sociais (ARS), metodologia quantitativa utilizada nesta pesquisa, é fruto de um conjunto de conhecimentos que engloba desde a Teoria dos Grafos, passando pela Sociologia Matemática, Ciência dos Dados ou *Big Data*, Ciência das Redes e Sociologia Relacional somando-se a ferramentas computacionais¹⁶. Por meio da ARS é possível visualizar e medir com rigor estatístico as relações existentes em uma rede, sejam elas de amizade, trajetos aéreos ou rodoviários, transmissão de doenças, toda forma de poder político e quaisquer outros tipos de relações sociais, inclusive vínculos

¹⁴ No artigo da nota de rodapé 10, estão listadas todas as 200 corporações, por ordem decrescente, segundo a centralidade de intermediação, grau de saída e grau de saída ponderado.

¹⁵ Para realizar *download* do *software*: [Gephi - The Open Graph Viz Platform](https://gephi.org/).

¹⁶ Em minha tese de doutorado trato, principalmente nos capítulos 02 e 03, sobre, respectivamente, as ciências constituintes da Sociologia Relacional e da Análise de Redes Sociais. Rodrigues (2019). [Link: Descrição: Arquitetura do poder relacional no ABC Paulista : o papel social do Sindicato dos Metalúrgicos na política regional \(ibict.br\)](https://doi.org/10.1111/ibict.br.12000).

acionários. O potencial de análise é amplo. Por exemplo, o Fundo Monetário Internacional (FMI), após a crise financeira global do ano de 2008, passou a se preocupar mais com monitoramento, controle e previsão de crises financeiras. Com esse intuito, desenvolveu estudos¹⁷ sobre a aplicação da ARS nesse aspecto. Para a entidade, é possível construir mapas de risco que investiguem potenciais exposições interbancárias, em nível nacional e internacional, tendo como conexões (arestas) os empréstimos entre as instituições, transferências de riscos de créditos (derivativos, por exemplo), relacionamentos de empréstimos entre instituições financeiras e quaisquer outros mecanismos financeiros que criem interdependência e, conseqüentemente, possam provocar choques de liquidez com grande incidência de contágio e efeito dominó. A ARS pode identificar caminhos (*paths*) de contágio através dos indicadores relacionais e, com estes instrumentos, produzir simulações em constantes acompanhamentos, inclusive entre setores financeiros e não-financeiros ou entre setores financeiros não-bancários. Entre outras áreas passíveis de aplicação da ARS está a Saúde Coletiva. Há, por exemplo, dois artigos¹⁸ que estudam a transmissão da Covid-19 por meio dessa metodologia e do *Gephi*. O primeiro deles investigou a pandemia na Coreia do Sul e o segundo na Índia. O princípio de ambos está fundamentado na ideia de que há dois fatores na determinação da disseminação da pandemia e um deles é a rede social onde o vírus está inserido. Entre as conclusões dos estudos está a confirmação de que removendo (isolando) os *top nodes* (ou *hubs*) com maior grau de saída, a infecção é reduzida significativamente. Em uma das pesquisas, além de se utilizar o grau de saída, também foi considerada a centralidade de intermediação. O intenso uso da ARS na pandemia da Covid-19 poderia ter possibilitado a instalação de um isolamento social inteligente. Além de menor prejuízo econômico para a população (menos custos com a saúde, menos desemprego, menos perdas para as empresas), principalmente o número de internados e óbitos poderiam ser menores. No presente artigo, aplicamos a mesma metodologia científica das pesquisas acima¹⁹, no nível do território brasileiro, além de inovarmos utilizando um indicador sociométrico a mais, conforme destacamos na sequência²⁰. Com esse fim, fizemos uso de índices (estatísticas) relacionais para medirmos e entendermos a economia corporativa modelada

¹⁷ IMF (2014).

¹⁸ Wonkwang (2021) e Saraswathi (2020).

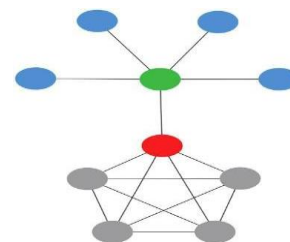
¹⁹ Especialmente os estudos citados nas notas de rodapé 9 e 10.

²⁰ No estudo global mencionado na nota de rodapé 9, não foi utilizada a centralidade de intermediação, indicador que julgamos muito importante por detectar, especificamente, o controle do fluxo da rede.

em rede, bem como para a visualização de sua topologia. Dessa forma, são três, essencialmente, as métricas aplicadas²¹: grau de saída, (*outdegree*), grau de saída ponderado (*weighted outdegree*) e centralidade de intermediação (*betweenness centrality*)²². O grau de saída mede a quantidade de conexões que parte de cada nó de uma rede para outro(s) e o grau de saída ponderado faz o mesmo, considerando o peso de cada conexão²³. Também utilizamos outra medida, não adotada pelo artigo de Vitalli (2011), que é o *betweenness centrality*, ou centralidade de intermediação, isto é, a capacidade que em uma rede o nó tem de ligar outros nós e até subgrupos, servindo como ponte. Todos esses três índices medem o controle acionário da rede corporativa em território brasileiro composta por 7.257 vínculos, pertinentes a cada uma das 6.235 unidades empresariais encontradas em nosso estudo. É importante sublinhar que os graus de saída (ponderado e não-ponderado) fazem menção ao controle acionário direto de cada nó e a centralidade de intermediação consegue captar o controle indireto na medida em que identifica os nós-ponte. No exemplo abaixo, o nó central (no meio do grafo), caso ele deixe a rede ou perca uma conexão, a própria rede em si deixa de existir. Tal hipótese ilustra o potencial da medida de intermediação.

Figura 1 - Grafo com destaque para o grau de saída e centralidade de intermediação

Fonte: <https://acesse.one/1EssN>



O nó central (que está no meio da rede), na figura ao lado, se desaparecer ou perder, por exemplo, sua conexão, provocará o desaparecimento da rede e o surgimento de duas novas. Esse é um dos cenários possíveis para a compreensão da importância da centralidade de intermediação, característica que foi consolidada com a ideia clássica

²¹ Um das obras de maior e mais importante referência para o detalhamento de métricas relacionais é o livro de Wasserman (1994).

²² Os índices de medida, utilizados em *Análise de Redes Sociais*, são conceitos teóricos que descrevem posições, caminhos e conexões de nós em uma rede. Para calcular tais índices são utilizados algoritmos específicos.

²³ Os graus de saída foram os índices utilizados por Vitalli (2011).

sobre a força dos *laços fracos*, do sociólogo Mark Granovetter²⁴. A centralidade de intermediação é baseada na ideia do controle exercido por determinado ator a respeito das relações sobre outros atores. Quando, por exemplo, dois atores não são adjacentes (diretamente conectados), eles dependem de outros atores do grupo para suas trocas ou eventuais relações, especialmente de atores que se encontram no caminho entre eles e que tem a capacidade de interromper a circulação dos recursos (qualquer tipo de relação ou comunicação). Quanto mais um ator se encontra “no meio”, como ponto de passagem obrigatório por caminhos que outras pessoas (ou atores ou empresas) devem tomar para se encontrar, mais central ele será, desse ponto de vista. O nó com elevada centralidade de intermediação é um ator-ponte, é aquele que controla a comunicação na rede e a comunicação é a própria rede, isto é, sem comunicação não há rede²⁵. É o nó que controla os fluxos da rede e quem controla os fluxos da rede, controla a rede. Um nó, com esse tipo de controle, pode ameaçar a rede, e, eventualmente, coagir ou pressionar a rede. Ainda na figura 1, observamos que o nó que está na parte superior do grafo, possui cinco conexões, a mesma quantidade do nó que está no meio da rede, um pouco mais abaixo. Entretanto, este possui um poder maior na rede, pois controla o fluxo da rede, unindo os dois principais *clusters* ou subgrupos da rede. Portanto, possuir poucas conexões não significa, necessariamente, ser um nó pouco importante. Transportando o raciocínio para nossa rede corporativa, a unidade empresarial que tiver a maior centralidade de intermediação será aquela que, individualmente, maior controle exercerá sobre a economia corporativa, pois é a que possui os mais elevados vínculos acionários indiretos, quer dizer, como ponte, intermediação, dominando os fluxos da rede. Em outras palavras, podem chantagear o país, controlar e manipular a economia (corporativa) nacional consoante os próprios interesses privados.

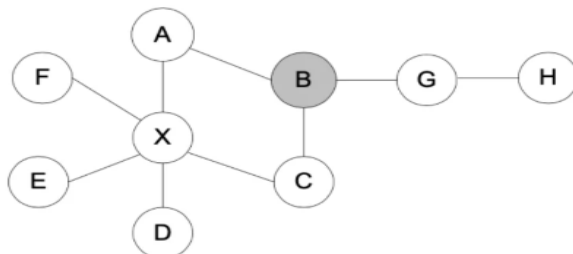
²⁴ Granovetter (1973). Entre as maneiras possíveis de compreensão desse conceito, podemos utilizar o grafo da figura 2. Um nó pode apresentar conexões de baixa frequência em termos de quantidade (por exemplo, grau de entrada e/ou de saída), mas se estabelece conexões estratégicas na rede, pode se tornar um nó essencial.

²⁵ Importante sublinhar que o fluxo e a comunicação em uma rede é a própria rede. Em outras palavras, esse aspecto da rede é seu aspecto essencial, intrínseco: Donati (2015): “O pressuposto ontológico dessa perspectiva está no fato de que relacionalidade é o modo de existir da ordem social”. No original “The ontological (...) presupposition of this perspective lies in fact that relationality is the mode of existing of that which belongs to the social order”.

O OLIGOPÓLIO DAS SETES IRMÃS DA SAÚDE PRIVADA (SIS)

No grupo de 200 corporações (*holdings*)²⁶ há, no total, 16 ligadas à área da saúde²⁷. São empresas de planos médios, farmacêuticas e redes de drogarias. Dentre estas, 7, que nomeamos como as Sete Irmãs da Saúde (SIS), estão no topo da área da saúde privada (Rede D'Or, DASA, Eurofarma, Notre Dame Intermédica, Amil, Hapvida e Aché Laboratórios) e, especialmente, também fazem parte do 1% que controla quase $\frac{1}{4}$ de toda a economia corporativa brasileira. Quer dizer, em conformidade com a dimensão do controle acionário em rede, constituem um oligopólio não só no próprio setor, mas na economia como um todo. Assim, buscamos medir a capacidade de influência de uma empresa (nó) na economia (rede) por meio dos vínculos (arestas) acionários. Essa influência/poder ocorre quando uma empresa possui muitas conexões diretas (grau de saída) e com percentual proeminente (grau de saída ponderado - peso). Ao controlar acionariamente várias outras empresas, a *holding* controla a própria rede. E este controle pode ser verificado tanto diretamente (conforme, por exemplo, com o grau de saída ponderado ou simplesmente grau de saída) quanto indiretamente por meio da capacidade que uma empresa ou *holding* (nó) tem em uma rede (por exemplo, a economia ou economia corporativa de um país) de se ligar a outros nós (*holdings* ou empresas), servindo como *ponte*, como intermediária, daí o uso que também fizemos da *centralidade de intermediação* (*betweenness centrality*). A observação da figura 2 a seguir nos ajuda a entender este último indicador²⁸.

Figura 2 – Grafo para a compreensão da centralidade de intermediação



Fonte: [Análise de Redes de Colaboração - dheka - Consultoria](#)

²⁶ Que, como já foi dito, engloba 6.235 empresas, empresas em paraísos fiscais e fundos de investimentos, representando 63,5% do PIB nacional.

²⁷ Como veremos, as principais são: Rede D'Or, DASA, Eurofarma, Notre Dame Intermédica, Amil, Hapvida e Aché Laboratórios. Há ainda, completando as 16: Fleury, Prevent Senior, Unimed-Rio, Profarma, Raia Drogasil, Bayer, Grupo NC, Hyperama Pharma e Novartis.

²⁸ Achamos importante reforçar a explicação dessa lógica já iniciada no item “Metodologia” do presente artigo.

Hipoteticamente, o nó “B” pode representar uma empresa em um determinado território e, nesse exemplo simples, possui clara capacidade de intermediação da rede. Quer dizer, para que, em princípio, os nós “G” e “H” possam acessar os nós “A”, “C”, “D”, “E”, “F” e “X” devem passar pelo nó “B” e vice-versa. Ainda, se o nó “B” deixar a rede, esta, a rede, se desfaz, deixa também de existir. Por consequência, o nó (empresa) “B” detém muito poder nessa rede, até mesmo, pode ser o nó mais importante na medida em que possui a capacidade de extinguir a própria rede. De certa forma, repetimos, o nó “B” controla o fluxo da rede e controlar o fluxo da rede significa controlar a própria rede, conforme já exibido. As SIS, integrantes de um seleto clube, possuem esse poder no mercado da saúde privada e na economia corporativa nacional.

O *petit comité* da saúde privada e da economia nacional

As SIS, colocando de forma inversa, ao integrarem o 1%, por óbvio, também estão no topo dos 10% e 20%, conforme a tabela 1 abaixo. Nela, apontamos a lista com as principais por ordem de importância, de acordo com os critérios relacionais da centralidade de intermediação e do grau de saída ponderado.

Tabela 1 – As Sete Irmãs da Saúde (SIS) - Centralidade de Intermediação e Grau de Saída Ponderado

200 maiores negócios da saúde privada (considerando 6.235 empresas, fundos e <i>holdings</i> – 63,5% do PIB) que atuam em território brasileiro, segundo controle acionário em rede			
Posição na rede total	Centralidade de intermediação	Posição na rede total	Grau de saída ponderado
35	Rede D’Or São Luiz	1	Rede D’Or São Luiz
83	DASA - Diagnósticos da América	17	DASA - Diagnósticos da América
179	Hapvida Participações e Investimentos	30	Eurofarma Laboratórios
192	Notre Dame Intermédica Saúde	38	Notre Dame Intermédica Saúde
509	Eurofarma Laboratórios	51	Amil Assistência Médica Internacional
608	Amil Assistência Médica Internacional	166	Ache Laboratórios Farmacêuticos

Fonte: autores

A combinação entre as posições das SIS, a partir dos dois indicadores na tabela 1, evidencia sua participação privilegiadíssima no controle corporativo em rede da

economia brasileira. Elas fazem parte da elite dos 10% das *holdings* (623 nós)²⁹ que controlam 70%³⁰ (4991 arestas) de todos os vínculos acionários da rede e, conseqüentemente, também pertencem aos 20% (1.247 nós) que controlam 80% (5820)³¹ de todas as conexões³². Na tabela em questão, primeira e segunda colunas do lado esquerdo, tratamos da centralidade de intermediação. Esse indicador, com já foi definido, representa o poder de controle do fluxo da rede, ou seja, da rede em si. As SIS estão muito bem colocadas, com destaque para a Rede D'Or. Esta, nesse importantíssimo quesito, do controle efetivo do fluxo da rede, pertence ao 0,5% entre as 6.235 empresas que compõem as 200 *holdings*. Na sequência estão DASA, Hapvida, Notre Dame, Eurofarma e Amil, todas na elite dos 10% e 20%. Fica bastante claro, assim, a efetiva e determinante participação das SIS no controle, em última instância, da economia brasileira. Essa afirmação é fortalecida quando observamos a terceira e quarta colunas da esquerda para a direita. Nelas, mostramos o indicador grau de saída ponderado, ou seja, os controles acionários diretos com maior peso, com maior percentual acionário. Nesse item, a saúde privada possui primazia em nível ainda superior. Das SIS, cinco (pela ordem: Rede D'Or, DASA, Eurofarma, Notre Dame e Amil) estão no 1%, na elite da elite. Reforçamos: o conjunto de 200 *holdings* estudado representa 63,5% do PIB. Portanto, não se trata de qualquer agrupamento, mas, sim de empresas que possuem participação hegemônica no controle acionário em rede no oligopólio total da economia brasileira e não só no mercado da saúde privada. Seremos, mais uma vez, repetitivos: na rede de controle acionário, possuir elevados índices relacionais significa controlar as relações acionárias, em outros termos, significa controlar a própria rede e, no presente caso, controlar a rede é controlar a economia do país, melhor dizendo: ultrapassam os próprios limites do mercado da saúde privada. As SIS são muito mais poderosas do que acreditávamos. Ao superarem sua área de atuação se tornam jogadores decisivos e com peso preponderante na economia geral do país. Trata-se de uma plutocracia que se configura de maneira silenciosa, discreta, distante de regulações e sob os olhares impotentes da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) e do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). O grafo 3, destaca as organizações da saúde privada na rede total dos 200 maiores grupos

²⁹ Considerando a centralidade de intermediação e o grau de saída ponderado.

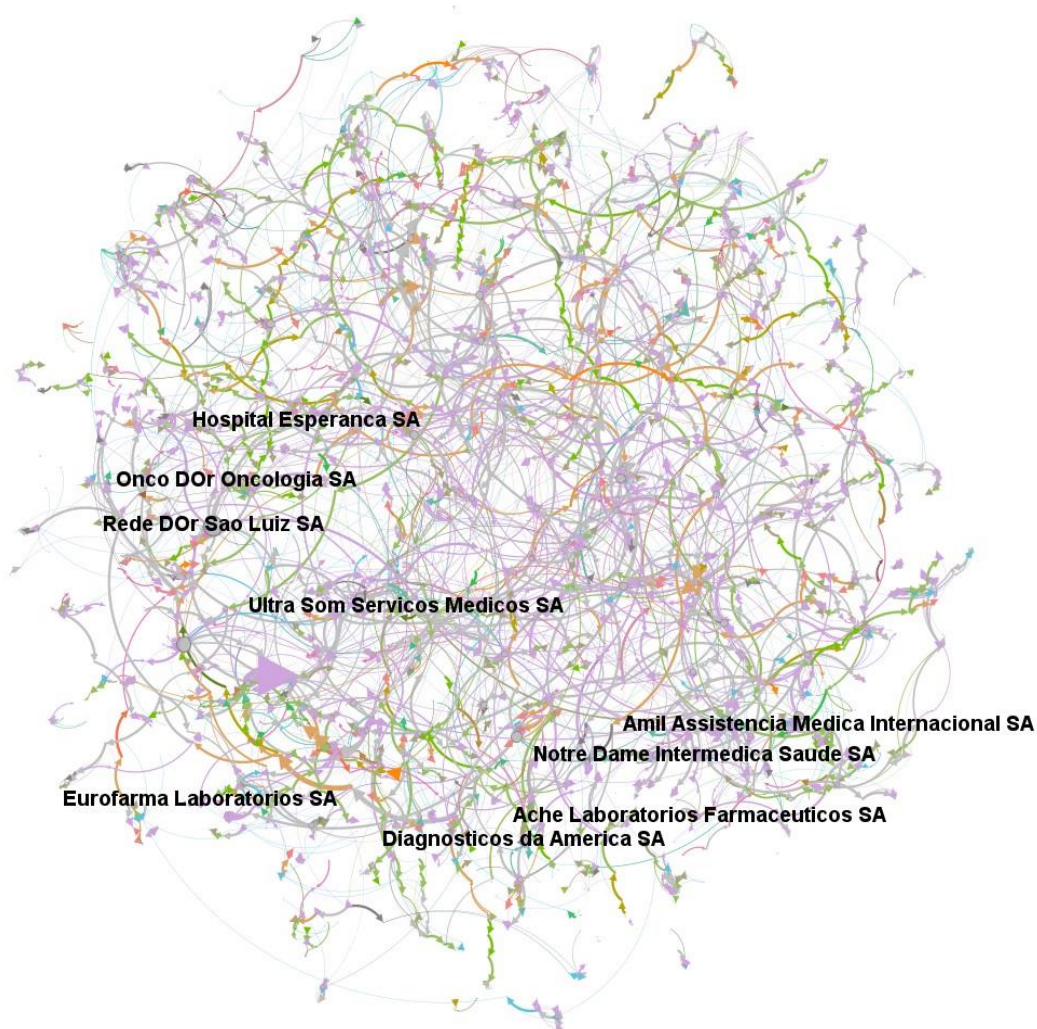
³⁰ Especificamente, 68,77%.

³¹ Rodrigues (2023).

³² Para os cálculos de percentual de nós que controlam, acionariamente, determinado percentual de conexões (arestas) da rede total, foi utilizado o grau de saída pela clareza possibilitada por esse indicador.

empresariais em território nacional, considerando o já referido diminuto conjunto do 1% da rede: 62 nós ou *holdings*/empresas/fundos.

Grafo 3 – Grau de Saúde Ponderado – Rede do 1% do setor privado que controla quase ¼ da economia corporativa brasileira (63,5% do PIB) com destaque para as Sete Irmãs da Saúde (SIS)³³³⁴³⁵³⁶



Fonte: autores

³³ A unidade empresarial “Ultra Som Serviços Médicos SA” não é uma *holding*, mas compõe o grupo Hapvida.

³⁴ A unidade empresarial “Hospital Esperança SA” não é uma *holding*, mas compõe o grupo Rede D’Or São Luiz SA.

³⁵ A unidade empresarial “GGSH Participações SA” não é uma *holding*, mas compõe o grupo Rede D’Or São Luiz SA.

³⁶ A unidade empresarial “Onco D’Or Oncologia SA” não é uma *holding*, mas compõe o grupo Rede D’Or São Luiz SA.

As diferentes cores de vínculos representam diferentes percentuais de quantidade de conexões acionárias lançadas a partir de cada nó³⁷. Por exemplo, como é possível perceber, lilás é a cor predominante, pois a maior parte dos nós na rede possuem poucas conexões ou nenhuma. Especificamente, em relação a todos os nós da rede, ela, a cor lilás, representa 3.803 nós ou 60,99% dos nós, os quais não produzem nenhuma conexão direta. Tais nós, referentes às conexões lilás, apenas recebem ligações, ou seja, somente são acionariamente controlados.

No *petit comité*, a Rede D'Or São Luiz (RD) está na liderança. Ela é a número 01 do país nos quesitos grau de saída e grau de saída ponderado. Isso significa que a RD é a *holding*, entre todas que atuam no território nacional, e de todos os setores da economia, a que possui não só uma quantidade maior de controle acionário direto, mas que também detém os maiores percentuais nesse quesito: possui conexões diretas com 83 nós, totalizando 90 conexões diretas propriamente ditas.

Quanto à capacidade da RD se colocar como controladora do fluxo da rede³⁸, ela está em sexto lugar, no nível nacional geral, superada apenas pela Eletrobrás, Ambev, CCR³⁹, Odebrecht e CBA⁴⁰ do Grupo Votorantim. Sendo assim, a RD exerce grande capilaridade sobre a economia brasileira, tendo, por isso, a capacidade de articular, relacionalmente, estratégias econômicas que possam influenciar ou até mesmo determinar decisões, a seu favor, em termos de políticas públicas na área da saúde, da política econômica nacional e do funcionamento do mercado brasileiro. É um polvo gigante com seus longos e inúmeros tentáculos. No conjunto de empresas e fundos, controlados em rede pela *holding* RD, estão empresas de planos de saúde, laboratórios de análise clínica, hospitais, clínicas e vários tipos de empresas de serviços médicos. Entretanto, a *holding* também controla um grande conjunto de corretoras de seguro e, principalmente, empreendimentos imobiliários. Até mesmo uma empresa que oferece serviços de alimentação, para eventos e recepções, faz parte do leque corporativo da RD. Essa análise pode e também deve ser aplicada às demais integrantes das SIS.

³⁷ Esta imagem representa um grafo direcionado, isto é, estão identificadas as origens de cada conexão.

³⁸ Centralidade de intermediação ou *betweenness centrality*, tabela 1.

³⁹ Companhia de Concessões Rodoviárias.

⁴⁰ Companhia Brasileira de Alumínio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Também no campo corporativo, nenhuma organização pode crescer infinitamente, mas é exatamente sob esse cenário econômico-político em que vivemos, seja em nível mundial, salvo exceções, e no Brasil. Nesse sentido, entre outras causas, não é demais afirmar que o poder efetivo, atualmente, está nas mãos das grandes corporações empresariais. Poucos ainda são os governos dos Estados Nacionais que podem articular um reordenamento do quadro vivido e, entre eles, está o Brasil. Essa possibilidade ocorre por conta, por exemplo, das próprias dimensões que caracterizam o Governo Federal e alguns Governos Subnacionais. Há instrumentos dentro do próprio capitalismo, já consolidados, que poderiam ser utilizados para a regulação e a limitação das grandes corporações atuantes em território brasileiro. Sejam elas nacionais ou não, medidas conhecidas poderiam viabilizar o desenvolvimento justo e sustentável do país. Como se sabe, a economia não possui um fim em si mesma, ela existe, por óbvio, para proporcionar qualidade de vida à sociedade. Podem ser colocadas nesse conjunto medidas restritivas em relação a paraísos fiscais; pagamento de impostos sobre lucros e dividendos; tributação de exportação de matérias-primas; tributação, limitação e regulamentação da remessa de lucros; ordenação soberana e com interesse social do mercado financeiro entre outras providências. Poderíamos ainda citar a exigência de, em setores estratégicos, empresas estrangeiras serem obrigadas a se tornarem sócias do Governo Federal para poderem acessar o mercado brasileiro⁴¹, o que é prática na China. Outra norma poderia ser a inclusão dos trabalhadores, de forma paritária, nos conselhos gestores deliberativos das empresas, desde as de médio porte. Realidade esta existente há décadas no modelo de cogestão da Alemanha. Entretanto, o que se vê no Brasil, e certamente em muitos outros países, é, o que foi aqui demonstrado, a saúde é apenas um negócio como qualquer outro, um negócio que deve dar o máximo possível de lucros, não importando se isso custará o bem-estar e a vida de milhões de pessoas. Como assinalado, o Brasil ainda pode, apesar do gigantesco nível de poder atingido pela saúde privada, reverter a gravíssima situação em que nos encontramos. Enquanto não seja tarde demais.

⁴¹ A Análise de Redes Sociais permite, no caso do controle acionário, como vemos nesse artigo, ao identificar as empresas relacionalmente centrais, mostrar quais conjuntos de ações seriam mais importantes de serem adquiridas pelo governo, para que este possa elevar seu poder no controle acionário corporativo do país.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DONATI, Pierpaolo. Manifesto for a critical realist relational sociology. *International Review of Sociology: Revue Internationale de Sociologie*, 2015.

DOWBOR, Ladislau. A quem interessa que a saúde seja luxo? Site Outra Saúde. 14/5/24.

Link: [A quem interessa que a Saúde seja luxo? - Outras Palavras](#).

DOWBOR, Ladislau. O capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais. São Paulo: Edições Sesc, 2020.

_____. A Era do Capital Improdutivo. São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2ª edição, 2018.

GEPHI. Software para Análise de Redes Sociais. Versão 0.10.0. Link: [Gephi - The Open Graph Viz Platform](#).

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. *The American Journal of Sociology*, Vol. 78, No. 6., 1973. Acesso: <http://links.jstor.org/sici?sici=0002-9602%28197305%2978%3A6%3C1360%3ATSOWT%3E2.0.CO%3B2-E>.

IMF. A Guide to IMF Stress Testing – Methods and Models. (Editor Li Lian Ong). Introduction to the Network Analysis Approach to Stress Testing (Chapter 13); Cross-Border Financial Surveillance: A Network perspective (Chapter 14); Balance Sheet Network Analysis of To-Connected-to-Fail Risk in Global and Domestic Banking Systems. Washington D.C., 2014.

RODRIGUES, Eduardo Magalhães. Por que o SUS deve se preocupar com a regulação sobre os Planos de Saúde? Conselho Nacional de Saúde, 353ª Reunião Ordinária. Palestra, vídeo. Brasília, DF, 10 de abril de 2024. Link (minutagem 2h35'36''): [353ª Reunião Ordinária do Conselho Nacional de Saúde \(youtube.com\)](#).

_____. Saúde Privada: muito poder na mão de poucos. Entrevista. Site Outra Saúde, 03 de maio de 2024. Link: [Saúde privada: muito poder na mão de poucos - Outras Palavras](#).

_____. Saúde Privada: como funciona o oligopólio total. Palestra, vídeo. Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, 12 de abril de 2024. Link: [Vídeo – Saúde privada: como funciona o oligopólio total | ISC | Instituto de Saúde Coletiva da UFBA](#).

_____. Quem está no comando? Poder entre grupos econômicos hegemônicos no Brasil. Pesquisa de Pós-Doutorado em Economia Política na PUC/SP. Revista Pesquisa

& Debate, v. 35, n. 1(63), pp.171-192. 2023. Link: [Vista do Quem está no comando? Poder entre grupos econômicos hegemônicos no Brasil \(pucsp.br\)](#).

_____. Arquitetura do poder relacional no ABC Paulista: o papel social do Sindicato dos Metalúrgicos na política regional. Tese de Doutorado – Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território, São Bernardo do Campo, 2019. Link: [Descrição: Arquitetura do poder relacional no ABC Paulista : o papel social do Sindicato dos Metalúrgicos na política regional \(ibict.br\)](#).

SARASWATHI, S. *et al.* Social Network Analysis of COVID-19 transmission in Karnataka, India. *Epidemiology and Infection*, Cambridge University Press, 2020. Link: [Social network analysis of COVID-19 transmission in Karnataka, India - PMC \(nih.gov\)](#)

VALOR ECONÔMICO. Grandes Grupos – 200 maiores. Porto Alegre: Editora Globo, 2020.

VITALI, Stefania.; GLATTFELDER, James e BATTISTON, Stefano. The Network of Global Corporate Control. ETH Zurich: *Journal. Pone*, 2011.

WASSERMAN, S. e FAUST, K. *Social Network Analysis: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WONKWANG J. *et al.* A social network analysis of the spread of COVID-19 in South Korea and policy implications. *Scientific reports. Nature*, 2021. Link: [s41598-021-87837-0 \(1\) 221115_014909.pdf \(covidnafavela.com.br\)](#).